

Artigos

Bertoleza, a Mulher Escrava Máquina

Bertoleza, The Machine Slave Woman

Marcos Ramponi dos Santos¹

¹Graduado em Letras pela Universidade Paulista – UNIP. Pós-graduado em Currículo e Prática Docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade Federal do Piauí. Pós-graduado em Linguagens e o Mundo do Trabalho pela Universidade Federal do Piauí. Professor na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

✉ marcosramponi@hotmail.com

Palavras-chave:

Bertoleza;
O Cortiço;
Escravidão.

Resumo

O presente artigo tem como objeto de análise a personagem Bertoleza, da obra *O Cortiço*, um cânone da literatura brasileira. Desde sua publicação, este clássico vem sendo foco de inúmeros estudos e recebendo variadas possibilidades de interpretação. Propusemos refletir sobre o papel desta personagem como mulher, negra, escrava, seu contexto histórico e sua relação com João Romão, seu novo dono. Isso nos permitiu discutir a escravidão, a ganância, a exploração do outro, a desigualdade social, a injustiça, o acúmulo de bens e o suicídio. Apresentamos de forma lacônica a predisposição intelectual de Aluísio de Azevedo sobre o Naturalismo, bem como seu campo de estudos. Utilizou-se a metodologia da revisão bibliográfica que objetiva o levantamento de materiais relacionados ao campo de estudo para compreendermos a representação da mulher negra na literatura brasileira. Por fim, é possível afirmar que Bertoleza, nunca experimentou de fato a liberdade, pois de escrava consciente começou a viver como escrava de um homem branco, imigrante de Portugal, raça que considerava superior à sua.

Keywords:

Bertoleza;
The Tenement;
Slavery.

Abstract

This article analyzes the character Bertoleza from the work *O Cortiço*, a canon of Brazilian literature. Since its publication, this classic has been the focus of countless studies and has received various possibilities of interpretation. We proposed to reflect on the role of this character as a black woman, a slave, her historical context and her relationship with João Romão, her new owner. This allowed us to discuss slavery, greed, exploitation of others, social inequality, injustice, accumulation of goods and suicide. We briefly present Aluísio de Azevedo's intellectual predisposition towards Naturalism, as well as his field of study. We used the methodology of bibliographic review, which aims to survey materials related to the field of study in order to understand the representation of black women in Brazilian literature. Finally, it is possible to state that Bertoleza never actually experienced freedom, as she went from being a conscious slave to living as a slave to a white man, an immigrant from Portugal, a race she considered superior to her own.

1 INTRODUÇÃO

O Cortiço, de Aluísio de Azevedo, romance naturalista/realista, é uma das mais destacadas obras da literatura brasileira e por isso, tem sido foco de inúmeros estudos e pesquisas, que abrangem desde sua análise literária até a reflexão historiográfica sobre o país. As transformações no Brasil causadas pelo

advento da Família Real em 1808, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, poderiam ilustrar metaforicamente, as transformações pelas quais o cortiço passou. Os navios portugueses trouxeram junto com a Corte, a modernidade, o crescimento econômico e as transformações políticas.

O livro aborda a história que se desenrola em 1876, época em que os cortiços começaram a surgir e se estabelecer na cidade do Rio de Janeiro (Chalhoub, 1996, p. 13). É fato consumado que o cortiço é a personagem principal do livro, tinha vida e que seu crescimento transformou a vida e o entorno do bairro onde ele estava. Começou pequeno, meio sem forma, duas ou três casinhas, depois foram construídas outras tantas, formando um conglomerado de casas pequenas, com apenas um cômodo, em sua maioria e sem banheiro, pois estes eram de uso coletivo, e conforme o cortiço crescia, aumentava o número de moradores, pessoas simples, que lutavam diariamente para ganhar a vida. Lavadeiras, mascates e trabalhadores braçais, são apenas alguns exemplos. Mas logo depois de um incêndio, o cortiço foi reformado e ampliado, e pessoas de maior poder econômico foram morar lá.

Porém, neste artigo estudaremos a personagem Bertoleza, mulher negra, pobre, escrava, amasiada, amante, submissa e portadora da certeza de que era alforriada, será o objeto de nossa análise, revelando como as relações sociais, econômicas e afetivas que esta figurante apresenta, compõem nosso interesse. Utilizou-se a metodologia da revisão bibliográfica que objetiva o levantamento de materiais relacionados ao campo de estudo para compreendermos a representação da mulher negra na literatura brasileira.

Este artigo abordará primeiro a vida e obras de Aluísio de Azevedo, sua relação com o Naturalismo, movimento que surgiu na metade do século XIX. Posteriormente, é pertinente esclarecer o porquê Azevedo utilizou tantas vezes a palavra crioula para se referir a Bertoleza, escrava que ingenuamente pensava estar alforriada. Dentro desta perspectiva, será explorado o motivo pelo qual ela não participava das festas e momentos de descontração e qual sua relação no jogo ambicioso de adquirir bens materiais, ações orquestradas pelo João Romão, português que mantinha relação como amante da nossa protagonista.

Uma vez introduzido o ponto de partida do presente artigo, respaldaremos nosso estudo em autores como José D'Assunção Barros, Antonio Candido, Claudemir Gonçalves de Oliveira, Sidney Chalhoub, Kauane Elias, Francisco Iglésias, Eduardo França Paiva, Rachel Soihet, Emile Zola, dentre outros.

Por fim, elucidaremos qual o motivo da Bertoleza ter tirado a própria vida, ação praticada costumeiramente entre os escravos, desferindo uma facada contra seu ventre, parte do corpo que seria alvo de críticas e debates a partir de 1871.

2 ALUÍSIO AZEVEDO – VIDA E OBRAS

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, mais conhecido como Aluísio Azevedo, jornalista, caricaturista, romancista e diplomata, nasceu em São Luís do Maranhão, em 14 de abril de 1857, e faleceu em Buenos Aires, na Argentina, em 21 de janeiro de 1913 (Infante, 2004, p. 381).

Filho do vice-cônsul português David Gonçalves de Azevedo e de D. Emília Amália Pinto de Magalhães, estudou e trabalhou em São Luís como guarda-livros e caixeiro. Desde cedo se interessava por pintura e desenho. Em 1876 foi para o Rio de Janeiro a convite do irmão, o escritor Artur Azevedo e matriculou-se na Imperial Academia de Belas Artes, a atual Escola Nacional de Belas Artes. Antes de dedicar-se profissionalmente à literatura, começou a colaborar em jornais políticos e humorísticos, exercendo a função de caricaturista em O Fíguro, o Mequetrefe, Zig-Zag e a Semana Ilustrada.

Com o falecimento do pai, em 1878, retornou ao Maranhão, para ajudar sua família. Foi nesse tempo que começou sua carreira de escritor, com a publicação, em 1879, do romance *Uma Lágrima de Mulher*, que se aproxima da estética romântica. Ajudou a lançar e colaborou com o jornal anticlerical O Pensador, onde mais tarde se tornou redator. No ano seguinte lançou o primeiro romance naturalista brasileiro, *O Mulato*, livro que causou grande impacto na sociedade maranhense por abordar a questão do preconceito racial. O romance caiu no desagrado da sociedade provinciana maranhense, provocando grande polêmica, mas agradou a Corte como exemplo de Naturalismo. Aluísio voltou para o Rio de Janeiro em 1881 (Abl, s.d.).

Os folhetins eram publicados por quase todos os jornais da época e foi num deles que Aluísio passou a publicar seus escritos. *Memórias de um Condenado* e *Mistérios da Tijuca* são alguns, publicados em 1882, em A Gazetinha e Folha Nova, respectivamente (Azevedo, 2024). Inicialmente ele escrevia para garantir sua sobrevivência, mas depois lhe sobreveio nova preocupação: a observação e análise dos agrupamentos humanos, a degradação das casas de pensão e sua exploração pelo imigrante, principalmente o português (Abl, s.d.).

Suas inquietações o levaram a escrever duas de suas melhores obras: *Casa de Pensão*, em 1884 e *O Cortiço*, em 1890. Entre 1882 e 1895 escreveu inúmeros romances, prosa de ficção, crônicas e peças teatrais, com a colaboração de seu irmão, Artur de Azevedo e Emílio Rouède. Publicou outros romances como *A Condessa de Vésper*, *Girândola de Amores*, *Filomena Borges*, *O Homem*, *O Coruja*, *A Mortalha de Alzira* e *Livro de Uma Sogra*, além de *O Esqueleto* (parceria com Olavo Bilac), além de outras obras. Em 1895, entrou para a carreira diplomática e serviu em Vigo, Nápoles, Tóquio e Buenos Aires. No final de 1912, Aluísio sofreu um atropelamento e suspeita-se que sua morte, no início do ano de 1913 aos 56 anos, tenha sido em decorrência desse incidente (Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, 2024).

O Naturalismo é um movimento relativamente recente. Surgiu como corrente literária na França na segunda metade do século XIX e tinha por objetivo retratar a realidade social de forma objetiva e científica.

2.1 O Cortiço, uma das Principais Obras do Naturalismo

O Naturalismo pode ser considerado um subgrupo do Realismo e em reação ao Romantismo. Este movimento literário é relativamente recente, pois surgiu na segunda metade do século XIX. O ponto de partida foi a publicação da obra do britânico Charles Darwin (1809-1872), *A Origem das Espécies*, publicado na Inglaterra em 24 de novembro de 1859.

A escrita e o pensamento literário tiveram impactos com outras publicações. Em 1863, Hippolyte Adolphe Taine, crítico e historiador francês (1828 – 1893), membro da Academia francesa (cadeira 25: 1878-1893), publicou *História da Literatura Inglesa*, onde formulou as bases do determinismo literário. O Método de Taine compreendia em fazer história e entender o homem à luz de três fatores, destacando a importância da raça, do meio ambiente e do momento histórico (Azevedo, *O Cortiço*, 1983, p. 287).

A partir de 1842, Isidore Auguste Marie François Xavier Comte, reconhecido precursor do Positivismo, aprofundou seus estudos para fundamentar o “Curso de Filosofia Positiva”. Comte, descontente com a sociedade que tinha como alicerce o pensamento escolástico, apresentou um novo sistema filosófico que, segundo afirmava, seria sólido o bastante para ser o sustentáculo racional em contraposição ao pensamento da igreja (Oliveira, 2010).

O positivismo surgiu do interesse de Comte em libertar o homem das crenças religiosas e da especulação metafísica, calcada na objetividade, de tal forma que a sociedade deveria ser encarada como objeto de pura observação e considerava pura pretensão a

busca pela verdade absoluta ou a ideia de sociedade justa. Como veremos, Comte se vinculou a todo aquele grupo de sua geração que pretendeu reformar a sociedade e organizá-la sobre novas bases. O positivismo foi uma destas correntes de pensamento que disputou os corações e as mentes opondo-se ao liberalismo e ao socialismo (Conceição, 2006, p. 45).

De acordo com as ideias de Darwin e Comte, a literatura deve estar alicerçada na ciência e o escritor de romances precisa considerar as leis e os princípios científicos antes de elaborar o enredo da sua obra, a fim de se adequar o mais possível a eles (Castro, 2022). Fica bem entendido que, todas as vezes que uma verdade é fixada pelos cientistas, os escritores devem abandonar imediatamente sua hipótese para adotar essa verdade (Zola, 1880). Essa frase expressa de maneira clara uma das principais características do Naturalismo, a ciência.

Foi neste contexto que o Naturalismo surgiu, pautando seus escritos no pensamento de que a fase da vida, o ambiente social e o momento histórico são determinantes, capazes de moldar o comportamento dos indivíduos. No Brasil, o Naturalismo começou a ser discutido sob a influência do escritor português Eça de Queiroz (1845-1900).

Algumas características do Naturalismo:

- O naturalismo molda o comportamento e personalidade dos personagens conforme a etnia, local de moradia e nascimento e movimento histórico;
- As motivações biológicas para as ações tornam-se evidentes, principalmente em termos de impulsos sexuais;
- Os instintos animais são amplamente utilizados pelos protagonistas, inclusive, percebe-se uma desumanização das personalidades;
- A zoomorfização, quando o homem assume características e atitudes próprias de animais, é muito utilizada;
- Figuras negras, mulheres e não heterossexuais são retratadas em termos pejorativos – algo que, atualmente, seria considerado preconceituoso;
- Os humanos são encarados como produto dos acontecimentos naturais e suas leis;
- Os temas abordados são essencialmente cotidianos e abordam classes sociais menos abastadas (Elias, 2022).

O *Cortiço* não foi o único livro do Naturalismo no Brasil. Outras obras e escritores figuram esta escola literária, como *O Ateneu*, de Raul Pompeia, *O Homem*, de Aluísio Azevedo, *A Carne*, de Júlio Ribeiro, *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, e *O Missionário*, de Inglês de Sousa.

Azevedo constrói a personagem da Bertoleza logo no primeiro capítulo. Ela é uma crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora e amigada com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade. (Azevedo, *O Cortiço*, 1983, p. 9).

3 A CRIOLA

Azevedo usou a palavra crioula 22 vezes referindo-se a Bertoleza (Azevedo, *O Cortiço*, 1983). A palavra crioulo em português era usada para identificar as pessoas que haviam nascido na América, não incluindo os indígenas. Segundo Antônio de Moraes Silva, lexicólogo brasileiro, escritor do Dicionário da Língua Portuguesa publicado em 1789, a palavra crioulo significa “o escravo, que nasce em casa do senhor; o animal, cria que nasce em nosso poder” (Silva; Bluteau, 1789, p. 349).

Além disso, Cegalla (2005, p. 255) define crioulo como “indivíduo da raça negra nascido na América; que não é importado; nativo; local”. Em acordo com essa definição, Paiva (2014) afirma que o termo crioulo era usado para caracterizar os nascidos na América, nascidos de filhos de africanos, abrangendo os

filhos de crioulos com africanos. Por outro lado, Barros (2014) esclarece que a lexia crioulo surgiu para fazer alusão aos descendentes de escravos que nasceram no Brasil.

O cortiço não era um lugar triste para seus moradores, pelo contrário, frequentemente seus moradores dançavam, cantavam, bebiam e festejavam.

4 O CORTIÇO ERA ANIMADO COM FESTAS E DIVERTIMENTOS

Os moradores do cortiço nos dias de folga ou em algumas noites, aproveitavam a ocasião para se divertir em festas e rodas de conversa. Iglésias (2002, p. 154) enfatiza que alguns senhores permitiam que os negros dançassem e cantassem aos sábados, domingos ou dias de festa. Mas estes momentos de descontração e descanso não eram para a Bertoleza. João Romão, seu senhor, não incentivava a sua empregada escrava a se divertir, folgar ou participar dessas oportunidades. Ela trabalhava demasiadamente, de madrugada até a noite, sem finais de semana livres para descansar, sem folgas.

Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda. Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá por fora; fazia a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, e à noite passava-se para a porta da venda, e, defronte de um fogareiro de barro, fritava fígado e frigia sardinhas, que Romão ia pela manhã, em mangas de camisa, de tamancos e sem meias, comprar à praia do Peixe. E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa do seu homem, que esta, valha a verdade, não era tanta e nunca passava em todo o mês de alguns pares de calças de zuarte e outras tantas camisas de riscado (Azevedo, O Cortiço, 1983, pp. 12-13).

Azevedo comenta que Bertoleza continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo (Azevedo, O Cortiço, 1983, p. 179). Mas trabalhar incansavelmente não era para todos. Os moradores do cortiço, como por exemplo a Rita Baiana, gozavam de ocasiões de recreação e descontração.

As patuscadas da Rita Baiana eram sempre as melhores da estalagem. Ninguém como o diabo da mulata para amar uma função que ia pelas tantas da madrugada, sem saber a gente como foi que a noite se passou tão depressa (Azevedo, O Cortiço, 1983, p. 73). Abatidos pelo fadinho harmonioso e nostálgico dos desterrados, iam todos, até mesmo os brasileiros, se concentrando e caindo em tristeza; mas, de repente, o cavaquinho do Porfiro, acompanhado pelo violão do Firmo, romperam vibrantemente com um chorado baiano. Nada mais que os primeiros acordes da música crioula para que o sangue de toda aquela gente despertasse logo, como se alguém lhe fustigasse o corpo com urtigas bravas. E seguiram-se outras notas, e outras, cada vez mais ardentes e mais delirantes. Já não eram dois instrumentos que soavam, eram lúbricos gemidos e suspiros soltos em torrente, a correrem serpenteando, como cobras numa floresta incendiada; eram ais convulsos, chorados em frenesi de amor; música feita de beijos e soluços gostosos; carícia de fera, carícia de doer, fazendo estalar de gozo (Azevedo, O Cortiço, 1983, pp. 88-89).

Depois da partida de Rita, já se não faziam sambas ao relento com o choradinho da Bahia, e mesmo o cana-verde pouco se dançava e cantava; agora o forte eram os forrobodós dentro de casa, com três ou quatro músicos, ceia de café com pão; muita calça branca e muito vestido engomado. - E toca a enfiar para aí quadrilhas e polcas até romper a manhã! (Azevedo, O Cortiço, 1983, P. 250).

A relação de João Romão e Bertoleza era uma relação de abuso em prol do lucro. De um lado a escrava que se sentia forra, do outro, o português que era ambicioso e almejava a riqueza, independentemente do que fosse preciso fazer. Além de servir como empregada, a crioula ainda mantinha uma relação de amante com seu senhor.

5 BERTOLEZA E JOÃO ROMÃO, UMA RELAÇÃO DE EXPLORAÇÃO

A vida da Bertoleza foi marcada por subserviência silenciosa. Uma besta de carga, crioula, pobre, pensava que tinha um esposo, mas na verdade era só ilusão. Antonio Candido, comentando esta relação abusiva, explica:

Para (...) poder realizar o seu projeto de enriquecimento e ascensão social, o português do tipo João Romão precisa despir o sexo de qualquer atrativo, recusar o encanto das Ritas Baianas e ligar-se com a pobre Bertoleza, meio gente, meio bicho (Candido, 2015, p. 124).

João Romão a usava a seu bel prazer. Depois de conhecê-la, viu grande vantagem ao concluir que ela trabalhava forte (Azevedo, O Cortiço, 1983, p. 9). Não perdeu tempo em chamá-la para uma conversa séria após seu senhor ter morrido. A escrava só não imaginava que continuaria sendo explorada até a sua morte.

João Romão mostrou grande interesse por esta desgraça, fez-se até participante direto dos sofrimentos da vizinha, e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras. Abriu-se com ele, contou-lhe a sua vida de amofinações e dificuldades. “Seu senhor comia-lhe a pele do corpo! Não era brincado para uma pobre mulher ter de escarrar pr’ali, todos os meses, vinte mil-réis em dinheiro!” E segredou-lhe então o que já tinha junto para a sua liberdade e acabou pedindo ao vendeiro que lhe guardasse as economias, porque já de certa vez fora roubada por gatunos que lhe entraram na quitanda pelos fundos (Azevedo, O Cortiço, 1983, p. 10).

O português forjou uma carta de alforria e fez um acordo com a crioula dando a entender que seriam sócios e depois amantes. Para ele era a oportunidade que lhe faltava de ficar rico às custas da pobre criatura. Daí em diante, João Romão tornou-se o caixa, procurador e conselheiro da crioula (Azevedo, O Cortiço, 1983, p. 10).

Esta Bertoleza, aliás, que era cafuza, serve para surpreendermos o narrador em pleno racismo, corrente no seu tempo com apoio de uma pseudociência antropológica que angustiava os intelectuais brasileiros quando pensavam na mestiçagem local. João Romão propõe a Bertoleza morarem juntos, e ela aceita, feliz, ‘porque, como toda a cafuza [...] não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua’ (Candido, 2015, p. 124).

João Romão a levava para ajudá-lo a roubar materiais de construção, de noite. Além disso, adulterava vinho misturando com água e cachaça. [...] o vinho, por exemplo, que ele dantes comprava aos quintos nas casas de atacado, vinha-lhe agora de Portugal às pipas, e de cada uma fazia três com água e cachaça; [...] (Azevedo, O Cortiço, 1983, p. 23). Com estes métodos criminosos, conseguia construir suas casinhas de aluguel e aumentar seu patrimônio. Não era apenas com isso que fazia fortuna. Encorajava a Bertoleza a trabalhar incansavelmente para aumentar seus lucros. Ela é remodelada de “mulher escrava em companheira-máquina” (Cândido, 1991, p. 130).

Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo; essa, em nada, em nada absolutamente, participava das novas regalias do amigo; pelo contrário, à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava e rasteira. João Romão subia e ela ficava cá embaixo, abandonada como uma cavalgada de que já não precisamos para continuar a viagem. Começou a cair em tristeza (Azevedo, O Cortiço, 1983, p. 179).

Com o passar do tempo e o aumento dos lucros, inserido em uma nova classe social, João Romão passou a desprezar a Bertoleza. Começou a perceber que a crioula estava sempre suja, com cheiro de peixe e esta cena não o agradava. Além disso, passou a conhecer outras mulheres da alta sociedade carioca.

Mas isso não passou despercebido pela escrava. Não era apenas o desprezo de João Romão que a incomodava. Era a certeza que ele a traía com outras mulheres.

E Bertoleza bem que compreendia tudo isso e bem que estranhava a transformação do amigo. Ele ultimamente mal se chegava para ela e, quando o fazia, era com tal repugnância, que antes não o fizesse. A desgraçada muita vez sentia-lhe cheiro de outras mulheres, perfumes de cocotes estrangeiras e chorava em segredo, sem animo de reclamar os seus direitos (Azevedo, *O Cortiço*, 1983, p. 235).

Sem amigos para expor o que estava sentindo, chorava em segredo e não tinha o mesmo ânimo de outrora. Nesse momento escravocrata que o país vivia, não tinha ninguém para reclamar seus direitos e nem mesmo ousava contestar o João Romão. Se ela o questionasse, poderia ouvir o que não seria agradável aos seus ouvidos. Sua tristeza poderia ser percebida por outros, por isso tentava se esconder, mesmo dos conhecidos.

E contentava-se em suspirar no meio de grandes silêncios durante o serviço de todo o dia, covarde e resignada, como seus pais que a deixaram nascer e crescer no cativeiro. Escondia-se de todos, mesmo da gentalha do frege e da estalagem, envergonhada de si própria, amaldiçoando-se por ser quem era, triste de sentir-se a mancha negra, a indecorosa nódoa daquela prosperidade brilhante e clara (Azevedo, *O Cortiço*, 1983, p. 235).

Bertoleza envelhecia pobre, solitária, triste e com indícios de depressão. A ausência e comportamento de seu amigo João Romão, o devaneio de que era a esposa e sócia do português, pouco a pouco a fazia perder suas convicções, certezas e vontade de trabalhar e viver.

Mas qual! o destino de Bertoleza fazia-se cada vez mais estrito e mais sombrio; pouco a pouco deixara totalmente de ser a amante do vendeiro, para ficar sendo só uma sua escrava. Como sempre, era a primeira a erguer-se e a última a deitar-se; de manhã escamando peixe, à noite vendendo-o à porta, para descansar da trabalhadeira grossa das horas de sol; sempre sem domingo nem dia santo, sem tempo para cuidar de si, feia, gasta, imunda, repugnante, com o coração eternamente empenhado de desgostos que nunca vinham à luz. Afinal, convencendo-se de que ela, sem ter ainda morrido, já não vivia para ninguém, nem tampouco para si, desabou num fundo entorpecimento apático, estagnado como um charco podre que causa nojo. Fizera-se áspera, desconfiada, sobrolho carrancudo, uma linha dura de um canto ao outro da boca. E durante dias inteiros, sem interromper o serviço, que ela fazia agora automaticamente, por um hábito de muitos anos, gesticulava e mexia com os lábios, monologando sem pronunciar as palavras. Parecia indiferente a tudo, a tudo que a cercava (Azevedo, *O Cortiço*, 1983, p. 234).

A condição social das mulheres em todos os séculos nunca foi das melhores, principalmente nos primeiros séculos aqui no Brasil. Suas relações na sociedade brasileira eram mais difíceis, pois as autoridades tentavam corrigir certos desvios de comportamento que

[...] no caso das mulheres, acrescentavam-se os preconceitos relativos ao seu comportamento; sua condição de classe e de gênero acentuava a incidência da violência. O desrespeito às suas condições existenciais traduzia-se em agressões físicas e morais [...] (Soihet, 2015, p. 366).

João Romão enriquecia e transformava seu cortiço em uma vila ilustre, próspera e atrativa para pessoas de outros níveis sociais e pouco a pouco, os antigos moradores acabaram se mudando, dando espaço para outros trabalhadores com níveis mais elevados. Com esta guinada em sua vida, começou a namorar com a Zulmira, filha de seu rival, o Miranda.

João Romão fizera-se o fornecedor de todas as tabernas e armarinhos de Botafogo; o pequeno comércio sortia-se lá para vender a retalho. A sua casa tinha agora um pessoal complicado de primeiros, segundos e terceiros caixeiros, além do guarda-livros, do comprador, do despachante e do caixa; do seu escritório saíam correspondências em várias

línguas e, por dentro das grades de madeira polida, onde havia um bufete sempre servido com presunto, queijo e cerveja, faziam-se largos contratos comerciais, transações em que se arriscavam fortunas; e propunham-se negociações de empresas e privilégios obtidos do governo; e realizavam-se vendas e compras de papéis; e concluíam-se empréstimos de juros fortes sobre hipotecas de grande valor. E ali ia de tudo: o alto e o baixo negociante; capitalistas adulados e mercadores falidos; corretores de praça, zangões, cambistas; empregados públicos, que passavam procuração contra o seu ordenado; empresários de teatro e fundadores de jornais, em apuros de dinheiro; viúvas, que negociavam o seu montepio; estudantes, que iam receber a sua mesada; e capatazes de vários grupos de trabalhadores pagos pela casa; e, destacando-se de todos, pela quantidade, os advogados e a gente miúda do foro, sempre inquieta, farisqueira, a meter o nariz em tudo, feia, a papelada debaixo do braço, a barba por fazer, o cigarro babado e apagado a um canto da boca (Azevedo, O Cortiço, 1983, p. 270).

Após ter alcançado posição social destacada e ter conhecido uma pretendente socialmente aceitável, precisava se livrar de um empecilho, algo que poderia estragar tudo, a Bertoleza. Todos sabiam de sua relação afetiva como amante da escrava, que eram amaziados, e diante disso, ele precisava se desvincular dela, caso quisesse contrair um casamento legítimo com a Zulmira. Uma vez deitado, sem ânimo de afastar-se da beira da cama, para não se encostar com a amiga, surgiu-lhe nítida ao espírito a compreensão do estorvo que o diabo daquela negra seria para o seu casamento (Azevedo, O Cortiço, 1983, p. 185).

Mesmo após várias evidências, Bertoleza ainda pensava que poderia ficar com o João Romão, acreditava realmente que eram sócios e que poderiam viver felizes, como marido e mulher. Ignorava o planejamento do português de se casar com a filha do Miranda.

Ora essa! Quero ficar a seu lado! Quero desfrutar o que nós dois ganhamos juntos! quero a minha parte no que fizemos com o nosso trabalho! quero o meu regalo, como você quer o seu! (Azevedo, O Cortiço, 1983, p. 266).

Inconformado com a posição da crioula, tramou um plano com o Botelho, agregado da família do Miranda. O plano consistia em informar a família do antigo proprietário da Bertoleza de que ela estava viva e disponível para ser devolvida. Combinaram o dia da entrega com a presença da polícia, na casa do João Romão. A escrava foi surpreendida com a presença de um pequeno grupo, policiais e familiares de seu antigo dono. Sabendo que não sairia livre, que voltaria a vida de escravidão, decidiu libertar-se das agruras da escravatura. Não serviria mais ao português como besta de carga e não voltaria a ser prisioneira da família de seu antigo dono. Com uma faca nas mãos, desferiu um golpe em suas entranhas, ganhando com sua morte a tão almejada liberdade.

Apesar de suicidar-se por impulso, foi pressionada com a certeza que voltaria ser apenas uma escrava até o dia de sua morte. Frequentemente os escravos praticavam o suicídio como uma forma de libertar-se das amarras da escravidão, sendo uma das formas mais extremas de protesto, como citado por Moura (2004, p. 381). Oliveira corrobora com este pensamento, indicando que o suicídio era uma forma de libertação dos sofrimentos, aprisionamento e saudades de sua terra natal.

Os relatos de vários estrangeiros que observaram a escravidão no Brasil do século XIX mencionam que o suicídio era prática muito comum dos escravos. As mortes voluntárias entre os cativos são descritas tanto na forma passiva de recusar alimento e deixar-se morrer de tristeza, como no banzo, quanto na forma ativa - por enforcamento, afogamento, uso de armas brancas etc. Geralmente o desinteresse pela vida, a apatia extrema e o desejo de morrer são atribuídos, pelos narradores, a reações nostálgicas decorrentes da perda da liberdade e dos vínculos com a terra e grupo social de origem, e ainda aos castigos excessivos impostos pelos senhores (Oliveira e Oda, 2008).

Portanto, o ato trágico de Bertoleza não era fato isolado entre seu povo, mas prática comum em um tempo de escravidão e sofrimento, costume entre escravos que almejavam a tão sonhada alforria e libertação. O suicídio era praticado motivado pela lembrança ou certeza de uma vida de maus-tratos, temor de castigo ou mesmo para evitar a venda (Oliveira e Oda, 2008).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscarmos entender a vida da Bertoleza, podemos concluir que a vida de alguns escravos não era nada fácil, mesmo após sua alforria. O objetivo principal na visão de João Romão era o aumento do patrimônio, mesmo em detrimento da saúde física, mental e sentimental da negra. A ingenuidade de ser sócia e esposa de um português, a fez trabalhar exaustivamente pensando que estaria aumentando seu próprio lucro ou o lucro do casal, mas ledo engano.

Bertoleza era escrava de outro homem, este a possuiu até sua morte. Logo após, passou a ser escrava de João Romão. Este forjou uma carta de alforria para enganá-la e prosperou em seu intento. Praticou furto e adulteração de vinho juntamente com seu novo senhor, o português. Com isso, João acumulou fortuna, passou a se vestir melhor, frequentar lugares da alta sociedade, comer e beber finamente, enquanto que a crioula continuou na mesma vida, como escrava, pobre, suja, fedorenta, sofrendo de ciúmes e com indícios de depressão, por se sentir afastada de seu homem.

Por fim, O Cortiço mostra a relação de exploração da mulher oitocentista crioula que era usada como ferramenta de trabalho dia após dia, sem nenhum escrúpulo. Para alcançar a liberdade, cometeu suicídio, desferindo um golpe mortal em seu ventre, parte do corpo da mulher negra que seria alvo de debates a partir de 1871.

Portanto, Azevedo construiu a personagem Bertoleza para ilustrar a vida da mulher negra e escrava que almejava o casamento com um homem branco, imigrante, raça superior à sua, em sua concepção. A relação no casamento não passava de uma relação de subserviência em detrimento de riqueza e ganhos. A ideia da liberdade por parte da crioula foi bem explorada e nos trouxe luz sobre a falsa ideia de alforria. Como ela nunca experimentou ser livre, não sabia como era, o que dava vantagem para seu companheiro explorá-la.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Aluísio de Azevedo**. Disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/aluisio-azevedo/biografia>. Acesso em: 24 jan. 2024.

AZEVEDO, A. **O cortiço**. São Paulo: Editora Moderna, 1983.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRA. **Aluísio de Azevedo**. Disponível em <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5628/aluisio-azevedo>. Acesso em: 24 jan. 2024.

BARROS, J. D. **A construção social da cor: diferença e desigualdades na formação da sociedade brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2014.

CANDIDO, A. **De cortiço a cortiço**. Revista Novos Estudos, 1991.

CANDIDO, A. **De cortiço a cortiço**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2015.

CASTRO, R. C. G. **Naturalistas quiseram fazer da ciência a base da literatura**. Jornal da USP. 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/naturalistas-quiseram-fazer-da-ciencia-a-base-da-literatura/>. Acesso em: 24 jan. 2024.

CEGALLA, D. P. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

CHALHOUB, S. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CONCEIÇÃO, G. H. Positivismo, política e educação: notas acerca do pensamento político comtiano. **Temas & Matizes**, v. 5, n. 9, pp. 43-56, 2000.

ELIAS, K. **Naturalismo** - o que é, características, obras e autores. *Estratégia Vestibulares*. 2022. Disponível em: <https://vestibulares.estrategia.com/portal/materias/literatura/naturalismo/#:~:text=O%20Naturalismo%20%C3%A9%20uma%20escola,esp%C3%A9cies%20e%20a%20sele%C3%A7%C3%A3o%20natural.> Acesso em: 24 jan. 2024.

IGLÉSIAS, F. **O Brasil monárquico, v. 3: reações e transações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda., 2002.

INFANTE, U. **Textos, leituras e escritas: literatura, língua e produção de textos**. São Paulo: Scipione, 2004.

MOURA, C. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2004.

OLIVEIRA, C. G. Matriz positivista na educação brasileira - uma Análise das Portas de entrada no período Republicano. **Diálogos Acadêmicos - Revista Eletrônica da faculdade Semar/Unicastelo**. Disponível em: <https://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20170627110812.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2025.

OLIVEIRA, S. V.; ODA, A. G. O suicídio de escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão. **Revista História, Ciências, Saúde**, v. 15, n. 2, p. 373. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/BFr3BMyb7GyK9KTMdCR836F/>. Acesso em: 29 mar. 2025.

PAIVA, E. F. **Dar nome ao novo: uma história lexical das Américas portuguesa e espanhola, entre os séculos XVI e XVIII - as dinâmicas de mestiçagem e o mundo do trabalho**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SILVA, A. D.; BLUTEAU, R. **Diccionario da lingua portugueza**: composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro (Volume 1: A - K). Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

SOIHET, R. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano**. São Paulo: Contexto, 2015.

ZOLA, É. **O romance experimental**. 1880.